

## **Folhas Caídas, de Almeida Garret**

### **Fonte:**

GARRET, Almeida. *Folhas caídas*. 2 ed. Mem-Martins : Europa-América.

### **Texto proveniente de:**

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Paula Marçal

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## **FOLHAS CAÍDAS Almeida Garret**

### **Advertência**

*Antes que venha o Inverno e disperse ao vento essas folhas de poesia que por aí caíram, vamos escolher uma ou outra que valha a pena conservar, ainda que não seja senão para memória.*

*A outros versos chamei eu já as últimas recordações da minha vida poética. Enganei o público, mas de boa-fé, porque me enganei primeiro a mim. Protestos de poetas que sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com o louro - às vezes imaginário, porque ninguém os coroa.*

*Eu pouco mais tinha de vinte anos quando publiquei certo poema, e jurei que eram os últimos versos que fazia. Que juramentos!*

*Se dos meus se rirem, têm razão; mas saibam que eu também primeiro me ri deles. Poeta na primavera, no estio e no outono da vida, hei-de sê-lo no inverno, se lá chegar, e hei-de sê-lo em tudo. Mas dantes cuidava que não, e nisso ia o erro.*

*Os cantos que formam esta pequena coleção pertencem todos a uma época de vida íntima e recolhida que nada tem com as minhas outras coleções.*

*Essas mais ou menos mostram o poeta que canta diante do público. Das Folhas Caídas ninguém tal dirá, ou bem pouco entende de estilos e modos de cantar.*

*Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gosto mais deles do que de nenhuns outros que fizesse. Porquê? É impossível dizê-lo, mas é verdade. E, como nada são por ele nem para ele, é provável que o público sinta bem diversamente do autor. Que importa?*

*Apesar de sempre se dizer e escrever há cem mil anos o contrário, parece-me que o melhor e mais recto juiz que pode ter um escritor é ele próprio, quando o não cega o amor-próprio. Eu sei que tenho os olhos abertos, ao menos agora.*

*Custa-lhe a uma pessoa, como custava ao Tasso, e ainda sem ser Tasso, a queimar os seus versos, que são seus filhos; mas o sentimento paterno não impede de ver os defeitos das crianças.*

*Enfim, eu não queimo estes. Consagrei-os ignoto deo. E o deus que os inspirou que os aniquile, se quiser: não me julgo com direito de o fazer eu.*

*Ainda assim, no ignoto deo não imaginem alguma divindade meia velada com cendal transparente, que o devoto está morrendo que lhe caia para que todos a vejam bem clara. O meu deus desconhecido é realmente aquele misterioso, oculto e não definido sentimento de alma que a leva às aspirações de uma felicidade ideal,*

*o sonho de ouro do poeta.*

*Imaginação que porventura se não realiza nunca. E daí, quem sabe? A culpa é talvez da palavra, que é abstracta de mais. Saúde, riqueza, miséria, pobreza e ainda coisas mais materiais, como o frio e o calor, não são senão estados comparativos, aproximativos. Ao infinito não se chega, porque deixava de o ser em se chegando a ele.*

*Logo o poeta é louco, porque aspira sempre ao impossível. Não sei. Essa é uma disputação mais*

*longa. ,*

*Mas sei que as presentes Folhas Caídas representam o estado de alma do poeta nas variadas, incertas e vacilantes oscilações do espírito, que, tendendo ao seu fim único, a posse do Ideal, ora pensa tê-lo alcançado, ora estar a ponto de chegar a ele, ora ri amargamente porque reconhece o seu engano, ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade vã.*

*Deixai-o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mando, ou da glória. Ele não entende bem disso, e vós não entendeis nada dele.*

*Deixai-o passar, porque ele vai onde vós não ides; vai, ainda que zombeis dele, que o calunieis, que o assassineis. Vai, porque é espírito, e vós sois matéria.*

*E vós morrereis, ele não. Ou só morrerá dele aquilo em que se pareceu e se uniu convosco. E essa falta, que é a mesma de Adão, também será punida com a morte.*

*Mas não triunfeis, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quase nada no poeta.*

*Janeiro, 1853.*

## **Livro Primeiro**

### **I**

#### **IGNOTO DEO D.D.D.**

Creio em ti, Deus: a fê viva  
De minha alma a tí se eleva.  
És - o que és não sei. Deriva  
Meu ser do teu: luz... e treva,  
Em que - indistintas! - se envolve  
Este espírito agitado,  
De tí vem, a tí devolve.  
O Nada, a que foi roubado  
Pelo sopro criador  
Tudo o mais, o há-de tragar.  
Só vive de eterno ardor  
O que está sempre a aspirar  
Ao infinito donde veio.  
Beleza és tu, luz és tu,  
Verdade és tu só. Não creio  
Senão em tí; o olho nu.  
Do homem não vê na terra  
Mais que a dúvida, a incerteza,  
A forma que engana e erra.

Essência!, a real beleza,  
O puro amor - o prazer  
Que não fatiga e não gasta...  
Só por ti os pode ver  
O que inspirado se afasta,  
Ignoto Deus, das ronceiras,  
Vulgares turbas: despídos  
Das coisas vãs e grosseiras  
Sua alma, razão, sentidos,  
A ti se dão, em ti vida,  
E por ti vida têm. Eu, consagrado  
A teu altar, me prosto e a combatida  
Existência aqui ponho, aqui votado  
Fica este livro - confissão sincera  
Da alma que a ti voou e em ti só 'spera.

## II

### Adeus!

Adeus!, para sempre adeus!,  
Vai-te, oh!, vai-te, que nesta hora  
Sinto a justiça dos Céus  
Esmagar-me a alma que chora.  
Choro porque não te amei,  
Choro o amor que me tiveste;  
O que eu perco, bem no sei,  
Mas tu... tu nada perdeste:  
Que este mau coração meu  
Nos secretos escaninhos  
Tem venenos tão daninhos  
Que o seu poder só sei eu.

Oh!, vai... para sempre adeus!  
Vai, que há justiça nos Céus.  
Sinto gerar na peçonha  
Do ulcerado coração  
Essa víbora medonha  
Que por seu fatal condão  
Há-de rasgá-lo ao nascer:  
Há-de, sim, serás vingada,  
E o meu castigo há-de ser  
Ciúme de ver-te amada,  
Remorso de te perder.

Vai-te, oh!, vai-te, longe, embora,  
Que sou eu capaz agora

De te amar - Ai!, se eu te amasse!  
Vê se no árido pragal  
Deste peito se ateasse  
De amor o incêndio fatal!  
Mais negro e feio no Inferno  
Não chameja o fogo eterno.

Que sim? Que antes isso? - Ai, triste!  
Não sabes o que pediste.  
Não te bastou suportar  
o cepo-rei; impaciente  
Tu ousas a deus tentar  
Pedindo-lhe o rei-serpente!

E cuidas amar-me ainda?  
Enganas-te: é morta, é fínda,  
Dissipada é a ilusão.  
Do meigo azul de teus olhos  
Tanta lágrima verteste,  
Tanto esse orvalho celeste  
Derramado o viste em vão  
Nesta seara de abrolhos,  
Que a fonte secou. Agora  
Amarás... sim, hás-de amar,  
Amar deves... Muito embora...  
Oh!, mas noutro hás-de sonhar  
Os sonhos de oiro encantados  
Que o mundo chamou amores.

E eu réprobo... eu se o verei?  
Se em meus olhos encovados  
Der a luz de teus ardores...  
Se com ela cegarei?  
Se o nada dessas mentiras  
Me entrar pelo vão da vida...  
Se, ao ver que feliz deliras,  
Também eu sonhar ...Perdida,  
Perdida serás - perdida.

Oh!, vai-te, vai, longe, embora!  
Que te lembre sempre e agora  
Que não te amei nunca... ai!, não:  
E que pude a sangue-frio,  
Covarde, infame, vilão,  
Gozar-te - mentir sem brio,  
Sem alma, sem dó, sem pejo,  
Cometendo em cada beijo  
Um crime... Ai!, triste, não chores,  
Não chores, anjo do Céu,  
Que o desonrado sou eu.

Perdoar-me, tu?... Não mereço.

A imundo cerdo voraz  
Essas pérolas de preço  
Não as deites: é capaz  
De as desprezar na torpeza  
De sua bruta natureza.  
Irada, te há-de admirar,  
Despeitosa, respeitar,  
Mas indulgente... Oh!, o perdão  
É perdido no vilão,  
Que de ti há-de zombar.

Vai, vai... para sempre adeus!  
Para sempre aos olhos meus  
Sumido seja o clarão  
De tua divina estrela.  
Faltam-me olhos e razão  
Para a ver, para entendê-la:  
Alta está no firmamento  
De mais, e de mais é bela  
Para o baixo pensamento  
Com que em má hora a fitei;  
Falso e vil o encantamento  
Com que a luz lhe fascinei.  
Que volte a sua beleza  
Do azul do céu à pureza,  
E que a mim me deixe aqui  
Nas trevas em que nasci,  
Trevas negras, densas, feias,  
Como é negro este aleijão  
Donde me vem sangue às veias,  
Este que foi coração,  
Este que amar-te não sabe  
Porque é só terra - e não cabe  
Nele uma ideia dos Céus ...  
Oh!, vai, vai; deixa-me adeus!

### III

#### Quando eu sonhava

Quando eu sonhava, era assim  
Que nos meus sonhos a via;  
E era assim que me fugia,  
Apenas eu despertava,  
Essa imagem fugidia  
Que nunca pude alcançar.  
Agora, que estou desperto,  
Agora a vejo fixar...  
Para quê? - Quando era vaga,  
Uma ideia, um pensamento,

Um raio de estrela incerto  
No imenso firmamento,  
Uma quimera, um vão sonho,  
Eu sonhava - mas vivia:  
Prazer não sabia o que era,  
Mas dor, não na conhecia ...

#### IV

#### Aquela noite!

Era a noite da loucura,  
Da sedução, do prazer,  
Que em sua mantilha escura  
Costuma tanta ventura,  
Tantas glórias esconder.  
Os felizes... e ai!, são tantos...  
Eu, por tantos os contava!  
Eu, que o sinal de meus prantos  
Do aflito rosto lavava -  
Os felizes presunçosos  
Iam nos coches ruidosos  
Correndo aos salões doirados  
De mil fogos alumados,  
Donde em torrentes saía  
A clamorosa harmonia  
Que à festa, ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruído  
Como o confuso bramar  
De um mar ao longe movido  
Que à praia vem rebentar:  
E disse comigo: «Vamos,  
Os lutos d'alma dispamos,  
À festa hei-de ir também eu!»

E fui: e a noite era bela,  
Mas não vi a minha estrela  
Que eu sempre via no céu:  
Cobriu-a de espesso véu  
Alguma nuvem a ela,  
Ou era que já vendado  
Me levava o negro fado  
Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,  
A funda melancolia  
Que todo o meu ser revia,  
Qual o ataúde levado  
A egípcio festim, dizia:  
«Como vós fui eu também;

Folgai, que a morte aí vem!»  
Dizia-o, sim, meu semblante,  
Que, onde eu chegava, o prazer  
Cessava no mesmo instante;  
E o lábio, que ia a dizer  
Doçuras de amor, gelava;  
E o riso, que ia a nascer  
Na face linda, expirava.  
Era eu - e a morte em mim,  
Que só ela espanta assim!

Quantas mulheres tão belas  
Ébrias de amor e desejos,  
Quantas vi saltar-lhe os beijos  
Da boca ardente e lasciva!  
E eu, que ia chegar-me a elas...  
Para logo a fronte esquiva  
De recatos se envolvia  
E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anelante,  
Nu, ardente e palpitante  
Andavam como entregando  
À cobiça mal desperta,  
Gasta já e desdenhosa,  
Dos que as estavam mirando  
Com vaga luneta incerta  
Que diz: «Aquela é formosa,  
Não se me dava de a ter.  
E esta? É só baronesa,  
Vale menos que a duquesa:  
Não sei a qual atender.»

E a isto chamam prazer!  
A grande ventura é esta?  
Vale a pena vir à festa  
E vale a pena viver.  
Como então quis à tristura  
Do meu viver isolado!  
Fique-se embora a ventura,  
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,  
Senti-me crescer - e a frente  
Desanuviar-se contente  
Do feio negrume espesso  
Que assustava aquela gente.  
Logo os sorrisos caíram  
Para o meu lado também;  
Já como um dos seus me viam,  
Que em mim não viam ninguém.  
Eu, de olhos desencantados,  
A elas, como as eu via!

Meus entusiasmos passados,  
Oh!, como deles me ria!

Frio o sarcasmo saía  
De meus lábios descorados,  
E sem dó e sem pudor  
A todas falei de amor...  
Do amor bruto, degradante,  
Que no seio palpitante,  
Na espádua nua se acende...  
Amor lascivo que ofende,  
Que faz corar... elas riam  
E oh, que não, não se ofendiam!

Mas o orchestra bradou alta:  
«Festa, festa!, e salta, salta!»  
os seus guizos delirantes  
Sacode louca a Folia...  
Adeus, requebros de amantes!  
Suspiros, quem nos ouvia?  
As palavras meias ditas,  
Meias nos olhos escritas,  
Voavam todas perdidas  
Dispersas, rotas no ar;  
Que se foram almas, vidas,  
Tudo se foi a valsar.

Quem é esta que mais voltas  
Gira, gira sem cessar?  
Como as roupas leves, soltas,  
Aéreas leva a ondular  
Em torno à forma graciosa,  
Tão flexível, tão airosa,  
Tão fina! - Agora parou,  
E tranquila se assentou.  
Que rosto! Em linhas severas  
Se lhe desenha o perfil;  
E a cabeça, tão gentil,  
Como se fora deveras  
A rainha dessa gente,  
Como a levanta insolente!

Vive Deus!, que é ela... aquela,  
A que eu vi na tal janela,  
E que triste me sorria  
Quando passando me via  
Tão pasmado a olhar para ela.  
A mesma melancolia  
Nos olhos tristes - de luz  
Oblíqua, viva mas fria;  
A mesma alta inteligência  
Que da face lhe transluz;

E a mesma altiva impaciência  
Que de tudo, tudo cansa,  
De tudo o que foi, que é,  
E na erma vida só vê  
O raio da vaga esp'rança.

«Pois isto sim, que é mulher»,  
Disse eu - «e aqui há que ver».  
Já vinha a pálida aurora  
Anunciando a manhã fria,  
E eu falava e eu ouvia  
O que até àquela hora  
Nunca disse, nunca ouvi...  
Toda a memória perdi  
Das palavras proferidas...  
Não eram destas sabidas,  
Nem quais eram não no sei ...  
Sei que a vida era outra em mim,  
Que era outro ser o meu ser,  
Que uma alma nova me achei  
Que eu bem sabia não ter.

E daí? - Daí, a história  
Não deixou outra memória  
Dessa noite de loucura,  
De sedução, de prazer...  
Que os segredos da ventura  
Não são para se dizer.

## V

### O Anjo caído

Era um anjo de Deus  
Que se perdera dos Céus  
E terra a terra voava.  
A seta que lhe acertava  
Partira de arco traidor,  
Porque as penas que levava  
Não eram penas de amor.

O anjo caiu ferido,  
E se viu aos pés rendido  
Do tirano caçador.  
De asa morta e sem 'splendor  
O triste, peregrinando  
Por estes vales de dor,  
Andou gemendo e chorando.

Vi-o eu, o anjo dos Céus,  
O abandonado de Deus,  
Vi-o, nessa tropelia  
Que o mundo chama alegria,

Vi-o a taça do prazer  
Pôr ao lábio que tremia...  
E só lágrimas beber.

Ninguém mais na Terra o via,  
Era eu só que o conhecia...  
Eu que já não posso amar!  
Quem no havia de salvar?  
Eu, que numa sepultura  
Me fora vivo enterrar?  
Loucura! ai, cega loucura!

Mas entre os anjos dos Céus  
Faltava um anjo ao seu Deus;  
E remi-lo e resgatá-lo  
Daquela infâmia salvá-lo  
Só força de amor podia.  
Quem desse amor há-de amá-lo,  
Se ninguém o conhecia?

Eu só. - E eu morto, eu descrito,  
Eu tive o arrojo atrevido  
De amar um anjo sem luz.  
Cravei-a eu nessa cruz  
Minha alma que renascia,  
Que toda em sua alma pus.  
E o meu ser se dividia,

Porque ela outra alma não tinha,  
Outra alma senão a minha...  
Tarde, ai!, tarde o conheci,  
Porque eu o meu ser perdi,  
E ele à vida não volveu...  
Mas da morte que eu morri  
Também o infeliz morreu.

## VI

### O Álbum

Minha Júlia, um conselho de amigo;  
Deixa em branco este livro gentil:  
Uma só das memórias da vida  
Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silêncio gravada  
Pelas mãos do mistério há-de ser;  
Que não tem língua humana palavras,  
Não tem letra que a possa escrever.

Por mais belo e variado que seja  
De uma vida o tecido matiz ,

Um só fio da tela bordada,  
Um só fio há-de ser o feliz.

Tudo o mais é ilusão, é mentira,  
Brilho falso que um tempo seduz,  
Que se apaga, que morre, que é nada  
Quando o sol verdadeiro reluz.

De que serve guardar monumentos  
Dos enganos que a esp'rança forjou?  
Vãos reflexos de um sol que tardava  
Ou vãs sombras de um sol que passou!

Crê-me, Júlia: mil vezes na vida  
Eu coa minha ventura sonhei;  
E uma só, dentre tantas, o juro,  
Uma só com verdade a encontrei.

Essa entrou-me pela alma tão firme,  
Tão segura por dentro a fechou,  
Que o passado fugiu da memória,  
Do porvir nem desejo ficou.

Toma pois, Júlia bela, o conselho:  
Deixa em branco este livro gentil,  
Que as memórias da vida são nada,  
E uma só se conserva entre mil.

## VII

### Saudades

Leva este ramo, Pepita,  
De saudades portuguesas;  
É flor nossa; e tão bonita  
Não na há noutras devesas.

Seu perfume não seduz,  
Não tem variado matiz,  
Vive à sombra, foge à luz,  
As glórias d'amor não diz;

Mas na modesta beleza  
De sua melancolia  
É tão suave a tristeza,  
Inspira tal simpatia!...

E tem um dote esta flor  
Que de outra igual se não diz:  
Não perde viço ou frescor  
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce  
Com tudo o que as outras mata;  
Até às vezes mais cresce  
Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão,  
Que te não devo esconder:  
Plantada no coração,  
Toda outra flor faz morrer.

E, se o quebra e despedaça  
Com as raízes mofinas,  
Mais ela tem brilho e graça,  
É como a flor das ruínas.

Não, Pepita, não ta dou...  
Fiz mal em dar-te essa flor,  
Que eu sei o que me custou  
Tratá-la com tanto amor.

## VIII

### **Este inferno de amar**

Este inferno de amar - como eu amo! -  
Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi?  
Esta chama que alenta e consome,  
Que é a vida - e que a vida destrói -  
Como é que se veio a atear,  
Quando - ai quando se há-de ela apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,  
A outra vida que dantes vivi  
Era um sonho talvez... - foi um sonho-  
Em que paz tão serena a dormi!  
Oh!, que doce era aquele sonhar ...  
Quem me veio, ai de mim!, despertar?

Só me lembra que um dia formoso  
Eu passei... dava o Sol tanta luz!  
E os meus olhos, que vagos giravam,  
Em seus olhos ardentes os pus.  
Que fez ela?, eu que fiz? - Não no sei;  
Mas nessa hora a viver comecei ...

## IX

### Destino

Quem disse à estrela o caminho  
Que ela há-de seguir no céu?  
A fabricar o seu ninho  
Como é que a ave aprendeu?  
Quem diz à planta «Florece!»  
E ao mudo verme que tece  
Sua mortalha de seda  
Os fios quem lhos enreda?

Ensinou alguém à abelha  
Que no prado anda a zumbir  
Se à flor branca ou à vermelha  
O seu mel há-de ir pedir?  
Que eras tu meu ser, querida,  
Teus olhos a minha vida,  
Teu amor todo o meu bem...  
Ai!, não mo disse ninguém.

Como a abelha corre ao prado,  
Como no céu gira a estrela,  
Como a todo o ente o seu fado  
Por instinto se revela,  
Eu no teu seio divino .  
Vim cumprir o meu destino...  
Vim, que em ti só sei viver,  
Só por ti posso morrer.

## X

### Gozo e dor

Se estou contente, querida,  
Com esta imensa ternura  
De que me enche o teu amor?  
- Não. Ai!, não; falta-me a vida,  
Sucumbe-me a alma à ventura:  
O excesso de gozo é dor.

Dói-me alma, sim; e a tristeza  
Vaga, inerte e sem motivo,  
No coração me poisou,  
Absorto em tua beleza,  
Não sei se morro ou se vivo,  
Porque a vida me parou.

É que não há ser bastante  
Para este gozar sem fim

Que me inunda o coração.  
Tremo dele, e delirante  
Sinto que se exaure em mim  
Ou a vida - ou a razão.

## XI

### Perfume da rosa

Quem bebe, rosa, o perfume  
Que de teu seio respira?  
Um anjo, um silfo? Ou que nume  
Com esse aroma delira?

Qual é o deus que, namorado,  
De seu trono te ajoelha,  
E esse néctar encantado  
Bebe oculto, humilde abelha?

- Ninguém? - Mentiste: essa frente  
Em languidez inclinada,  
Quem ta pôs assim pendente?  
Dize, rosa namorada.

E a cor de púrpura viva  
Como assim te desmaiou?  
E essa palidez lasciva  
Nas folhas quem ta pintou?

Os espinhos que tão duros  
Tinhas na rama lustrosa,  
Com que magos esconjuros  
Tos desarmaram, ó rosa?

E porquê, na hástia sentida  
Tremes tanto ao pôr do Sol?  
Porque escutas tão rendida  
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro  
Sussurrar-te na folhagem?  
Nas águas desse retiro  
Não espreitei a tua imagem?

Não a vi aflita, ansiada...  
- Era de prazer ou dor? -  
Mentiste, rosa, és amada,

E tu também tu amas, flor.

Mas ai!, se não for um nume  
O que em teu seio delira,  
Há-de matá-lo o perfume  
Que nesse aroma respira.

## XII

### Rosa sem espinhos

Para todos tens carinhos,  
A ninguém mostras rigor!  
Que rosa és tu sem espinhos?  
Ai, que não te entendo, flor!

Se a borboleta vaidosa  
A desdém te vai beijar,  
O mais que lhe fazes, rosa,  
É sorrir e é corar.

E quando a sonsa da abelha,  
Tão modesta em seu zumbir,  
Te diz: «Ó rosa vermelha,  
» Bem me podes acudir:

» Deixa do cálix divino  
» Uma gota só libar...  
» Deixa, é néctar peregrino,  
» Mel que eu não sei fabricar ...»

Tu de lástima rendida,  
De maldita paixão,  
Tu à súplica atrevida  
Sabes tu dizer que não?

Tanta lástima e carinhos,  
Tanto dó, nenhum rigor!  
És rosa e não tens espinhos!  
Ai !, que não te entendo, flor.

## XIII

### Rosa pálida

Rosa pálida, em meu seio  
Vem, querida, sem receio  
Esconder a aflita cor.

Ai!, a minha pobre rosa!  
Cuida que é menos formosa  
Porque desbotou de amor.

Pois sim... quando livre, ao vento,  
Solta de alma e pensamento,  
Forte de tua isenção,  
Tinhas na folha incendiada  
O sangue, o calor e a vida  
Que ora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bela,  
Coitada, coitada dela,  
A minha rosa gentil!  
Coravam-na então desejos,  
Desmaiam-na agora os beijos...  
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores!  
Inveja de quê, amores?  
Tu, que vieste dos Céus,  
Comparar tua beleza  
Às filhas da natureza!  
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha!... de quê, vida?  
Vergonha de ser querida,  
Vergonha de ser feliz!  
Porquê?... porquê em teu semblante  
A pálida cor da amante  
A minha ventura diz?

Pois, quando eras tão vermelha  
Não vinha zângão e abelha  
Em torno de ti zumbir?  
Não ouvias entre as flores  
Histórias dos mil amores  
Que não tinhas, repetir?

Que hão-de eles dizer agora?  
Que pendente e de quem chora  
É o teu lânguido olhar?  
Que a tez fina e delicada  
Foi, de ser muito beijada,  
Que te veio a desbotar?

Deixa-os: pálida ou corada,  
Ou isenta ou namorada,  
Que brilhe no prado flor,  
Que fulja no céu estrela,  
Ainda é ditosa e bela  
Se lhe dão só um amor.

Ai!, deixa-os, e no meu seio

Vem, querida, sem receio  
Vem a frente reclinar.  
Que pálida estás, que linda!  
Oh!, quanto mais te amo ainda  
Dês que te fiz desbotar.

#### XIV

#### Flor de ventura

A flor de ventura  
Que amor me entregou,  
Tão bela e tão pura  
Jamais a criou:

Não brota na selva  
De inculto vigor,  
Não cresce entre a relva  
De virgem frescor;

Jardins de cultura  
Não pode habitar  
A flor de ventura  
Que amor me quis dar.

Semente é divina  
Que veio dos Céus;  
Só n' alma germina  
Ao sopro de Deus.

Tão alva e mimosa  
Não há outra flor;  
Uns longes de rosa  
Lhe avivam a cor;

E o aroma... Ai!, delírio  
Suave e sem fim!  
É a rosa, é o lírio,  
É o nardo, o jasmim;

É um filtro que apura,  
Que exalta o viver,  
E em doce tortura  
Faz de ânsias morrer.

Ai!, morrer... que sorte  
Bendita de amor!  
Que me leve a morte  
Beijando-te, flor.

## XV

### Bela d'amor

Pois essa luz cintilante  
Que brilha no teu semblante  
Donde lhe vem o 'splendor?  
Não sentes no peito a chama  
Que aos meus suspiros se inflama  
E toda reluz de amor?

Pois a celeste fragrância  
Que te sentes exalar,  
Pois, dize, a ingénua elegância  
Com que te vês ondular  
Como se baloiça a flor  
Na Primavera em verdor,  
Dize, dize: a natureza  
Pode dar tal gentileza?  
Quem ta deu senão amor?

Vê-te a esse espelho, querida,  
Ai!, vê-te por tua vida,  
E diz se há no céu estrela,  
Diz-me se há no prado flor  
Que Deus fizesse tão bela  
Como te faz meu amor.

## XVI

### Os cinco sentidos

São belas - bem o sei, essas estrelas,  
Mil cores - divinais têm essas flores;  
Mas eu não tenho, amor, olhos para elas:  
    Em toda a natureza  
    Não vejo outra beleza  
    Senão a ti - a ti!

Divina - ai!, sim, será a voz que afina  
Saudosa - na ramagem densa, umbrosa,  
Será; mas eu do rouxinol que trina  
    Não oiço a melodia,  
    Nem sinto outra harmonia  
    Senão a ti - a ti!

Respira - n'aura que entre as flores gira,  
Celeste - incenso de perfume agreste.  
Sei... não sinto: minha alma não aspira,  
    Não percebe, não toma

Senão o doce aroma  
Que vem de ti - de ti!

Formosos - são os pomos saborosos,  
É um mimo - de néctar o racimo:  
E eu tenho fome e sede ...sequiosos,  
Famintos meus desejos  
Estão... mas é de beijos,  
É só de ti - de ti!

Macia - deve a relva luzidia  
Do leito - ser por certo em que me deito.  
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia  
Sentir outras carícias,  
Tocar noutras delícias  
Senão em ti - em ti!

A ti! , ai, a ti só os meus sentidos  
Todos num confundidos,  
Sentem, ouvem, respiram;  
Em ti, por ti deliram.  
Em ti a minha sorte,  
A minha vida em ti;  
E quando venha a morte,  
Será morrer por ti.

## XVII

### Rosa e lírio

A rosa  
É formosa;  
Bem sei.  
Porque lhe chamam - flor  
D'amor,  
Não sei.

A flor,  
Bem de amor  
É o lírio;  
Tem mel no aroma - dor  
Na cor  
O lírio.

Se o cheiro  
É fagueiro  
Na rosa,  
Se é de beleza - mor  
Primor  
A rosa,

No lírio  
O martírio  
Que é meu  
Pintado vejo: cor  
E ardor  
É o meu.

A rosa  
É formosa,  
Bem sei ...  
E será de outros flor  
D'amor...  
Não sei.

## XVIII

### Coquette dos prados

Coquette dos prados,  
A rosa é uma flor  
Que inspira e não sente  
O encanto d'amor.

De púrpura a vestem  
Os raios do Sol;  
Suspiram por ela  
Ais do rouxinol:

E as galas que traja  
Não as agradece,  
E o amor que acende  
Não o reconhece.

Coquette dos prados  
Rosa, linda flor,  
Porquê, se o não sentes,  
Inspiras amor?

## XIX

### Cascais

Acabava ali a Terra  
Nos derradeiros rochedos,  
A deserta árida serra

Por entre os negros penedos  
Só deixa viver mesquinho  
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados  
Sopravam rijos na rama,  
E os céus turvos, anuviados,  
O mar que incessante brama...  
Tudo ali era braveza  
De selvagem natureza.

Aí, na quebra do monte,  
Entre uns juncos mal medrados,  
Seco o rio, seca a fonte,  
Ervas e matos queimados,  
Aí nessa bruta serra,  
Aí foi um Céu na Terra.

Ali sós no mundo, sós,  
Santo Deus!, como vivemos!  
Como éramos tudo nós  
E de nada mais soubemos!  
Como nos folgava a vida  
De tudo o mais esquecida!

Que longos beijos sem fim,  
Que falar dos olhos mudo!  
Como ela vivia em mim,  
Como eu tinha nela tudo,  
Minha alma em sua razão,  
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aqueles dias  
Contaram na eternidade:  
Que essas horas fugidias,  
Séculos na intensidade,  
Por milénios marca Deus  
Quando as dá aos que são seus.

Ai!, sim, foi a trapos largos,  
Longos, fundos que a bebi  
Do prazer a taça - amargos  
Depois... depois os senti  
Os travos que ela deixou...  
Mas como eu ninguém gozou.

Ninguém: que é preciso amar  
Como eu amei - ser amado  
Como eu fui; dar, e tomar  
Do outro ser a quem se há dado,  
Toda a razão, toda a vida  
Que em nós se anula perdida.

Ai, ai!, que pesados anos

Tardios depois vieram!  
Oh!, que fatais desenganos,  
Ramo a ramo, a desfizeram  
A minha choça na serra,  
Lá onde se acaba a Terra!

Se o visse... não quero vê-lo  
Aquele sítio encantado.  
Certo estou não conhecê-lo,  
Tão outro estará mudado,  
Mudado como eu, como ela,  
Que a vejo sem conhecê-la!

Inda ali acaba a Terra,  
Mas já o céu não começa;  
Que aquela visão da serra  
Sumiu-se na treva espessa,  
E deixou nua a bruteza  
Dessa agreste natureza.

## XX

### Estes sítios!

Olha bem estes sítios queridos,  
Vê-os bem neste olhar derradeiro...  
Ai!, o negro dos montes erguidos,  
Ai!, o verde do triste pinheiro!  
Que saudades que deles teremos ...  
Que saudade!, ai, amor, que saudade!  
Pois não sentes, neste ar que bebemos,  
No acre cheiro da agreste ramagem,  
Estar-se alma a tragar liberdade  
E a crescer de inocência e vigor!  
Oh!, aqui, aqui só se engrinalda  
Da pureza da rosa selvagem,  
E contente aqui só vive Amor.  
O ar queimado das salas lhe escalda  
De suas asas o níveo candor,  
E na frente arrugada lhe cresta  
A inocência infantil do pudor.  
E oh!, deixar tais delícias como esta!  
E trocar este céu de ventura  
Pelo inferno da escrava cidade!  
Vender alma e razão à impostura,  
Ir saudar a mentira em sua corte,  
Ajoelhar em seu trono à vaidade,  
Ter de rir nas angústias da morte,  
Chamar vida ao terror da verdade...

Ai!, não, não... nossa vida acabou,  
Nossa vida aqui toda ficou.  
Diz-lhe adeus neste olhar derradeiro,  
Dize à sombra dos montes erguidos,  
Dize-o ao verde do triste pinheiro,  
Dize-o a todos os sítios queridos  
Desta ruda, feroz soledade,  
Paraíso onde livres vivemos...  
Oh!, saudades que dele teremos,  
Que saudade!, ai, amor, que saudade!

## XXI

### **Não te amo**

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.  
E eu n'alma - tenho a calma,  
A calma - do jazigo.  
Ai!, não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.  
E a vida - nem sentida  
A trago eu já comigo.  
Ai!, não te amo, não.

Ai!, não te amo, não; e só te quero  
De um querer bruto e fero  
Que o sangue me devora,  
Não chega ao coração.

Não te amo. És bela, e eu não te amo, ó bela.  
Quem ama a aziaga estrela  
Que lhe luz na má hora  
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,  
De mau feitiço azado  
Este indigno furor.  
Mas oh!, não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto  
Que de mim tenho espanto,  
De tí medo e terror ...  
Mas amar... não te amo, não.

## XXII

### **Não és tu**

Era assim, tinha esse olhar,  
A mesma graça, o mesmo ar,  
Corava da mesma cor,  
Aquela visão que eu vi  
Quando eu sonhava de amor,  
Quando em sonhos me perdi.

Toda assim; o porte altivo,  
O semblante pensativo,  
E uma suave tristeza  
Que por toda ela descia  
Como um véu que lhe envolvia,  
Que lhe adoçava a beleza.

Era assim; o seu falar,  
Ingénuo e quase vulgar,  
Tinha o poder da razão  
Que penetra, não seduz;  
Não era fogo, era luz  
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,  
No seio o mesmo perfume ,  
Um cheiro a rosas celestes,  
Rosas brancas, puras, finas,  
Viçosas como boninas,  
Singelas sem ser agrestes.

Mas não és tu... ai!, não és:  
Toda a ilusão se desfez.  
Não és aquela que eu vi,  
Não és a mesma visão,  
Que essa tinha coração,  
Tinha, que eu bem lho senti.

### XXIII

#### Beleza

Vem do amor a Beleza,  
Como a luz vem da chama.  
É lei da natureza:  
Queres ser bela? - ama.

Formas de encantar,  
Na tela o pincel  
As pode pintar;  
No bronze o buril  
As sabe gravar;

E estátua gentil  
Fazer o cinzel  
Da pedra mais dura...  
Mas Beleza é isso? - Não; só formosura.

Sorrindo entre dores  
Ao filho que adora  
Inda antes de o ver  
- Qual sorri a aurora  
Chorando nas flores  
Que estão por nascer -  
A mãe é a mais bela das obras de Deus.  
Se ela ama! - O mais puro do fogo dos céus  
Lhe atea essa chama de luz cristalina:

É a luz divina  
Que nunca mudou,  
É luz... é a Beleza  
Em toda a pureza  
Que Deus a criou.

## XXIV

### Anjo és

Anjo és tu, que esse poder  
Jamais o teve mulher,  
Jamais o há-de ter em mim.  
Anjo és, que me domina  
Teu ser o meu ser sem fim;  
Minha razão insolente  
Ao teu capricho se inclina,  
E minha alma forte, ardente,  
Que nenhum jugo respeita,  
Covardemente sujeita  
Anda humilde a teu poder.  
Anjo és tu, não és mulher.

Anjo és. Mas que anjo és tu?  
Em tua frente anuviada  
Não vejo a c'roa nevada  
Das alvas rosas do céu.  
Em teu seio ardente e nu  
Não vejo ondear o véu  
Com que o sôfrego pudor  
Vela os mistérios d'amor.  
Teus olhos têm negra a cor,  
Cor de noite sem estrela;  
A chama é vivaz e é bela,

Mas luz não tem. - Que anjo és tu?  
Em nome de quem vieste?  
Paz ou guerra me trouxeste  
De Jeová ou Belzebu?

Não respondes - e em teus braços  
Com frenéticos abraços  
Me tens apertado, estreito!...  
Isto que me cai no peito  
Que foi?... Lágrima? - Escaldou-me  
Queima, abrasa, ulcera... Dou-me,  
Dou-me a ti, anjo maldito,  
Que este ardor que me devora  
É já fogo de precito,  
Fogo eterno, que em má hora  
Trouxeste de lá... De donde?  
Em que mistérios se esconde  
Teu fatal, estranho ser!  
Anjo és tu ou és mulher?

## **XXV**

### **Víbora**

Como a víbora gerado,  
No coração se formou  
Este amor amaldiçoado  
Que à nascença o espedaçou.

Para ele nascer morri;  
E em meu cadáver nutrido,  
Foi a vida que eu perdi  
A vida que tem vivido.

## **Livro Segundo**

### **I**

#### **Barca Bela**

Pescador da barca bela,  
Onde vás pescar com ela,  
Que é tão bela,  
Ó pescador?

Não vês que a última estrela  
No céu nublado se vela?

Colhe a vela,  
Ó pescador!

Deita o lanço com cautela,  
Que a sereia canta bela ...  
Mas cautela,  
Ó pescador!

Não se enrede a rede nela,  
Que perdido é remo e vela  
Só de vê-la,  
Ó pescador.

Pescador da barca bela,  
Inda é tempo, foge dela,  
Foge dela,  
Ó pescador!

## II

### A Coroa

Bem sei que é toda de flores  
Essa coroa d'amores  
Que na frente vais cingir.  
Mas é coroa - é reinado;  
E a posto mais arriscado  
Não se pode hoje subir.

Nesses reinos populosos  
Os vassalos revoltosos  
Tarde ou cedo dão a lei.  
Quem há-de conter, domá-los,  
Se são tantos os vassalos  
E um só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bela,  
Para fugir essa estrela  
Que os reis persegue sem dó,  
Mais que um meio - falo sério:  
É pôr limites ao império  
E ter um vassalo só.

## III

### Sina

Por todas quantas estrelas  
Tem o céu que possam mais,  
Pelas flores virginais  
De que se c'roam donzelas,  
Pelas lágrimas singelas  
Que o primeiro amor derrama,  
Por aquela etérea chama  
Que a mão de Deus acendeu  
E que na Terra alumia  
Quanto há na terra do Céu!  
Por tudo quanto eu queria  
Quando eu sabia querer,  
E por tudo quanto eu cria  
Quando me era dado crer!  
Bem-fadada seja a vida

Que por estas folhas brancas  
Sua história há-de escrever!  
Que as dores lhe venham mancas  
E com asas o prazer!

Esta sina que lhe dou,  
Bruxa não na adivinhou,  
Nem duende ma ensinou:  
Li-a eu por meu condão  
Em seus olhos inocentes,  
Transparentes - transparentes  
Até dentro ao coração.

#### IV

#### **Ai, Helena!**

Ai, Helena!, de amante e de esposo  
Já o nome te faz suspirar,  
Já tua alma singela pressente  
Esse fogo de amor delicioso  
Que primeiro nos faz palpitar! ...  
Oh!, não vás, donzelinha inocente,  
Não te vás a esse engano entregar:  
E amor que te ilude e te mente,  
É amor que te há-de matar!

Quando o Sol nestes montes desertos  
Deixa a luz derradeira apagar,  
Com as trevas da noite que espanta  
Vêm os anjos do Inferno encobertos  
A sua vítima incauta afagar.  
Doce é a voz que adormece e quebranta,  
Mas a mão do traidor ...faz gelar.  
Treme, fuge do amor que te encanta,

É amor que te há-de matar.

V

**The rose - A Sigh**

If this delicious, grateful flower,  
Which blows but for a little hour,  
Should to the sight so lovely be,  
As from it's fragrance seems to me,  
A sigh must then it's colour show,  
For that is the softest joy I know.  
And sure the rose is like a sigh,  
Borne just to soothe and then - to die.

V

**A Rosa - Um suspiro**

Se esta flor tão bela e pura,  
Que apenas uma hora dura,  
Tem pintado no matiz  
O que o seu perfume diz,  
Por certo na linda cor  
Mostra um suspiro d'amor:  
Dos que eu chego a conhecer  
É este o maior prazer.  
E a rosa como um suspiro  
Há-de ser; bem se discorre:  
Tem na vida o mesmo giro,  
É um gosto que nasce e - morre.

VI

**Retrato  
(Num álbum)**

Ah!, despreza o meu retrato  
Que lhe eu queria aqui pôr!  
Tem medo que lhe desfeie  
O seu livro de primor?  
Pois saiba que por despique  
Eu sei também ser pintor:  
Co' esta pena por pincel,  
E a tinta do meu tinteiro,  
Vou fazer o seu retrato

Aqui já de corpo inteiro.

Vamos a isto. - Sentada  
Na cadeira *moyen âge*,  
O cabelo em *châtelines*,  
As mangas soltas. - É o traje.

Em longas pregas negras  
Caia o veludo e arraste;  
De si com desdém régio  
Com o pezinho o afaste ...

Nessa atitude! Está bem:  
Agora mais um jeitinho;  
A airosa cabeça a um lado  
E o lindo pé no banquinho.

Aqui estão os contornos, são estes,  
Nem Daguerre lho tira melhor.  
Este é o ar, esta a pose, eu lho juro,  
E o trajar que lhe fica melhor.

Vamos agora ao difícil:  
Tirar feição por feição;  
Entendê-las, que é o ponto,  
E dar-lhe a justa expressão.

Os olhos são cor da noite,  
Da noite em seu começar,  
Quando inda é jovem, incerta,  
E o dia vem de acabar;

Têm uma luz que vai longe,  
Que faz gosto de queimar:  
É uma espécie de lume  
Que serve só de abrasar.

Na boca há um sorriso amável.  
Amável é... mas queria  
Saber se é todo bondade  
Ou se meio é zombaria.

Ninguém mo diz? O retrato  
Incompleto ficará,  
Que nestas duas feições  
Todo o ser, toda a alma está.

Pois fiel como um espelho  
É tudo o que nele fiz,  
E o que lhe falta - que é muito,  
Também o espelho o não diz.

## VII

### Lucinda

Ergue a frente, lírio,  
Ergue a branca frente!  
O astro do delírio  
Já surgiu no oriente.

Vês, o sol ardente  
Lá caiu no mar;  
A frente pendente  
Ergue a respirar!

Alvo é o luar,  
Teu alvor não cresta;  
A hora de gozar,  
De viver é esta.

Longa foi a sesta,  
Longo o teu dormir;  
Ergue a branca testa,  
Tempo é de surgir!

Já se abre a sorrir  
Tua boca linda...  
Despertar, sentir  
Ou sonhar é ainda?

Sonho que não finda  
Será o teu sonhar,  
Se a dormir, Lucinda,  
Te sentes amar.

## VIII

### As duas rosas

Sobre se era mais formosa  
A vermelha ou branca rosa,  
Ardeu séculos a guerra  
Em Inglaterra.

Paz entre as duas, jamais!  
Reinar ambas as rivais,  
Também não; e uma ceder  
Como há-de ser?

Faltei eu lá na Inglaterra  
Para acabar com a guerra.

Ei-las aqui bem iguais,  
Mas não rivais.

Atei-as em laço estreito:  
Que artista fui, com que jeito!  
E oh!, que lindas são, que amores  
As minhas flores!

Dirão que é cópia - bem sei:  
Que todo inteiro o roubei  
Meu pensamento brilhante  
Do teu semblante...

Será. Mas se é tão belo  
Que lhe dêem esse modelo,  
Do meu quadro, na verdade,  
Tenho vaidade.

## IX

### Voz e aroma

A brisa vaga no prado,  
Perfume nem voz não tem;  
Quem canta é o ramo agitado,  
O aroma é da flor que vem.

A mim, tornem-me essas flores  
Que uma a uma eu vi murchar,  
Restituam-me os verdes  
Aos ramos que eu vi secar

E em torrentes de harmonia  
Minha alma se exalará,  
Esta alma que muda e fria  
Nem sabe se existe já.

## X

### Seus olhos

Seus olhos - que eu sei pintar  
O que os meus olhos cegou -  
Não tinham luz de brilhar,  
Era chama de queimar;  
E o fogo que a ateou  
Vivaz, eterno, divino,  
Como facho do Destino.

Divino, eterno! - e suave

Ao mesmo tempo: mas grave  
E de tão fatal poder,  
Que, um só momento que a vi,  
Queimar toda a alma senti...  
Nem ficou mais de meu ser,  
Senão a cinza em que ardi.

## XI

### A Délia

Cuidas tu que a rosa chora,  
Que é tamanha a sua dor,  
Quando, já passada a aurora,  
O Sol, ardente de amor,  
Com seus beijos a devora?  
- Feche virgíneo pudor  
O que inda é botão agora  
E amanhã há-de ser flor;  
Mas ela é rosa nesta hora,  
Rosa no aroma e na cor.

- Para amanhã o prazer  
Deixe o que amanhã viver.  
Hoje, Délia, é nossa a vida;  
Amanhã... o que há-de ser?  
A hora de amor perdida  
Quem sabe se há-de volver?  
Não desperdices, querida,  
A duvidar e a sofrer  
O que é mal gasto da vida  
Quando o não gasta o prazer.

## XII

### A Jovem americana

Donde é que te eu vi, donzela,  
E o que eras tu nesta vida  
Quando não tinhas vestida  
A forma de virgem bela  
Que ora te vejo trajar?

Estrela foste no céu,  
Serias no prado flor?  
Ou, no diáfano splendor  
De que Íris faz o seu véu,  
Estavas, Silfa, a bordar?

Não houve poeta ainda  
Que te não visse e cantasse,  
Mulher que não te invejasse,  
Nem pintor que a face linda  
Te não fosse copiar.

Séculos tens. - E ah!... já sei  
Quem és, quem foste e hás-de  
Bem te eu estava a conhecer  
Quando primeiro te olhei  
Sem te poder estranhar.

Com Deus e coa Liberdade  
De nossas terras fugiste  
Quando perdidos nos viste,  
E te foste à soledade.  
Do Novo Mundo acoitar.

Pois que ora piedosa vens  
E nos sentes ressurgir,  
Oh!, não tornes a fugir,  
Que melhor pátria não tens  
Nem que mais te saiba amar.

Teu natal celebraremos  
Hoje e sempre: teus amigos  
Somos na lealdade antigos,  
E no ardor novos seremos,  
No desvelo em te adorar:

Porque tu és o Ideal  
Da só beleza - do Bem;  
Não és estranha a ninguém,  
E de ti só foge o mal  
Que te não pode encarar.

### XIII

#### Adeus, mãe!

- «Adeus, mãe!, adeus, querida  
Que eu já não posso coa vida  
E os anjos chamam por mim.  
Adeus, mãe, adeus! ... Assim,  
Junta os teus lábios aos meus  
E recebe o último adeus  
Neste suspiro... Não chores  
Não chores: aquelas dores  
Já sinto acalmar em mim.  
Adeus, mãe, adeus!... Assim,

Junta os teus lábios aos meus...  
Um beijo - um último... Adeus!»

E o corpo desanimado  
No colo da mãe caía;  
E ela o corpo... só pesado,  
Só mais pesado o sentia!  
Não se lamenta, não chora,  
E quase a sorrir, dizia:  
«Que tem este filho agora,  
Que tanto pesa? Não posso...»  
E uma a uma, osso por osso,  
Com a mão trémula tenta  
As mãozinhas descarnadas,  
As faces cavas, mirradas,  
A testa inda morna e lenta.  
«Que febre, que febre!», diz;  
E em tudo pensa a infeliz,  
Tudo que há mau lhe ocorreu,  
Tudo - menos que morreu.

Como nos gelos do Norte  
O sono traidor da morte  
Engana o desfalecido  
Que imagina adormecer,  
Assim cansado, esvaído  
De tão longo padecer,  
Já não há no coração  
Da mãe força de sentir;

Não tem já lume a razão  
Senão só para a iludir.

Acorda, ó mãe desgraçada,  
Que é tempo de despertar!  
Anda ver a eça armada,  
As luzes que ardem no altar.  
Ouves? É a rouca toada  
Dos padres a salmear!...  
Vamos, que a hora é chegada,  
É tempo de o amortilhar.

E os anjos cantavam:  
«Aleluia!»  
E os santos clamavam:  
«Hosana!»

Ao triste cantar da Terra  
Responde o cantar do Céu;  
Todos lhe bradam: «Morreu!»  
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,  
E os padres a rezar,  
E ela ainda a acalantar

Nos braços o filho morto,

Que já não tem mais conforto,  
Mais sossego neste mundo  
Que o jazigo húmido e fundo  
Onde há-de ir a sepultar.

Levai, ó anjos de Deus,  
Levai essa dor aos Céus.  
Com a alma do inocente  
Aos pés do Juiz Clemente  
Aí fique a santa dor  
Rogando à Eterna Bondade  
Que estenda a imensa piedade  
A quantos pecam d'amor.

#### XIV

#### Ave, Maria

Maria, doce Mãe dos desvalidos,  
A ti clamo, a ti brado!  
A ti sobem, Senhora, os meus gemidos,  
A ti o hino sagrado  
Do coração de um pai voa, ó Maria,  
Pela filha inocente.  
Com sua débil voz que balbucia,  
Piedosa mãe clemente,  
Ela já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,  
Pedir ao Pai dos Céus  
O pão de cada dia. As preces minhas  
Como irão ao meu Deus,  
Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços,  
Se tu, mãe de piedade,  
Me não tomas por teu? Oh!, rompe os laços  
Da velha humanidade;  
Despe de mim todo outro pensamento  
E vã tenção da Terra;  
Outra glória, outro amor, outro contento  
De minha alma desterra.  
Mãe, oh!, Mãe, salva o filho que te implora  
Pela filha querida.  
De mais tenho vivido, e só agora  
Sei o preço da vida,  
Desta vida, tão mal gasta e prezada  
Porque minha só era...  
Salva-a, que a um santo amor está votada,  
Nele se regenera.

## XV

### Os exilados (À Sr.<sup>a</sup> Rossi-Caccia)

Eles tristes, das praias do desterro,  
Os olhos longos e arrasados de água  
Estendem para aqui... Cravado o ferro  
Da saudade têm n'alma; e é negra mágoa  
A que lhes rala os corações aflitos,  
É a maior da vida - são proscritos,  
Dor como outra não há, é a dor que os mata!  
Dizer eu: «Essa terra é minha... minha,  
Que nasci nela, que a servi, a ingrata!  
Que lhe dei... dei por ela quanto tinha,  
Sangue, vida, saúde, os bens da sorte...  
E ela, por galardão, me entrega à morte!»

Morte lenta e cruel - a de Ugolino!  
Bem lhes quiseram dar...  
Mas não será assim: sopro divino  
De bondade e nobreza  
Não o pode apagar  
Nos corações da gente portuguesa  
Esse rancor de fera  
Que em almas negras, negro e vil impera.

Tu, génio da Harmonia,  
Tu solta a voz em que triunfa a glória,  
Com que suspira amor!  
Bela de entusiasmo e de fervor,  
Ergue-te, ó Rossi, tua voz nos guia:  
A tua voz divina  
Hoje um eco imortal deixa na história.

Inda no mar de Egina  
Soa o hino de Alceu;  
E atravessaram séculos  
Os cantos de Tirteu.  
Mais poderosa e válida  
A tua voz será;  
A tua voz etérea,  
Tua voz não morrerá.

Nós no templo da pátria penduramos  
Esta c'roa singela  
Que de mirto e de rosas entrançamos  
Para essa fronte bela:  
Aqui, de voto, ficará pendente,  
E um culto de saudade  
Aqui, perenemente,  
Lhe daremos no altar da Liberdade.

## XVI

### Preito

É lei do tempo, Senhora,  
Que ninguém domine agora  
E todos queiram reinar.  
Quanto vale nesta hora  
Um vassalo bem sujeito,  
Leal de homenage e preito  
E fácil de governar?

Pois o tal sou eu, Senhora:  
E aqui juro e firmo agora  
Que a um despótico reinar  
Me rendo todo nesta hora,  
Que a liberdade sujeito...  
Não a reis! - outro é meu preito:  
Anjos me hão-de governar.

## XVII

### No lumiar

Era um dia de Abril; a Primavera  
Mostrava apenas seu virgíneo seio  
Entre a folhagem tenra; não vencera,  
De todo, o Sol o misterioso enleio  
Da névoa rara e fina que estendera  
A manhã sobre as flores; o gorjeio  
Das aves inda tímido e infantil...  
Era um dia de Abril.  
E nós íamos lentos passeando  
De vergel em vergel, no descuidado  
Sossego d'alma que se está lembrando  
Das lutas do passado,  
Das vagas incertezas do porvir.  
E eu não cansava de admirar, de ouvir,  
Porque era grande, um grande homem deveras  
Aquele duque - ali maior ainda,  
Ali no seu Lumiar, entre as sinceras  
Belezas desse parque, entre essas flores,  
A qual mais bela e de mais longe vinda  
Esmaltar de mil cores  
Bosque, jardim, e as relvas tão mimosas,  
Tão suaves ao pé - muito há cansado  
De pisar alcatifas ambiciosas,  
De tropeçar no perigoso estrado  
Das vaidades da Terra.

E o velho duque, o velho homem de Estado,  
Ao falar dessa guerra  
Distante - e das paixões da humanidade,  
Sorria malicioso  
Daquele sorrir fino sem maldade,  
Que tão seu era, que, entre desdenhoso  
E benévolo, a quanto lhe saía  
Dos lábios dava um cunho de nobreza,  
De razão superior.  
E então como ele a amava e lhe queria  
A esta pobre terra portuguesa!  
Velha tinha a razão, velha a experiência,  
Jovem só esse amor.

Tão jovem, que inda cria, inda esperava,  
Inda tinha a fé viva da inocência!...  
Eu, na força da vida,  
Tristemente de mim me envergonhava.

- Passeávamos assim, e em reflectida  
Meditação tranquila descuidados  
Íamos sós, já sem falar, descendo  
Por entre os velhos olmos tão copados,  
Quando sentimos para nós crescendo  
Rumor de vozes finas que zumbia  
Como enxame de abelhas entre as flores,  
E vimos, qual Diana entre os menores  
Astros do céu, a forma que se erguia,  
Sobre todas gentil, dessa estrangeira  
Que se esperava ali. Perfeita, inteira  
No velho amável renasceu a vida  
E a graça fácil. Cuidei ver o antigo  
O nobre Portugal que ressurgia  
No venerando amigo;  
E na formosa dama que sorria,  
O génio da subida,  
Rara e fina elegância que a nobreza,  
O gosto, o amor do Belo, o instinto da Arte  
Reúne e faz irmãos em toda a parte;  
Que afere a grandeza  
Pela medida só dos pensamentos,  
Do 'stilo de viver, dos sentimentos,  
Tudo o mais como fútil desprezando.

Pensei que a saudar o velho ilustre  
Em seus últimos dias  
E a despedir-se, até Deus sabe quando,  
De nossas praias tristes e sombrias,  
Vinha esse génio... Tristes e sombrias,  
Que o sol lhe foge, lhe esmorece o lustre,  
E onde tudo que é alto vai baixando ...

O triste, o que não tem já sol que o aqueça  
Sou eu talvez - que, à míngua de fé, sinto

O cérebro gelar-me na cabeça  
Porque no coração o fogo é extinto.  
Ele não era assim,  
Ou sabia fingir melhor do que eu!

- Como o nobre corcel que envelheceu  
Nas guerras, ao sentir o áureo telim  
E as armas sobre o dorso descarnado,  
Remoça o garbo, em juvenil meneio  
Franja de espuma o freio,  
E honra os brasões da casa em que foi nado.

Nunca me há-de esquecer aquele dia!  
Nem os olhos, as falas, e a sincera  
Admiração da bela dama inglesa  
Por tudo quanto via;  
O fruto, a flor, o aroma, o sol que os gera,  
E esta vivaz, veemente natureza,  
Toda de fogo e luz,  
Que ama incessante, que de amar não cansa,  
E contínua produz  
Nos frutos o prazer, na flor a esp'rança.

Ali as nações todas se juntaram,  
Ali as várias línguas se falaram;  
A Europa convidada  
Veio ao festim - não ao festim, ao preito.  
Vassalagem rendida foi prestada  
Ao talento, à beleza,  
A quanto n'alma infunde amor, respeito,  
Porque é deveras grande - que a grandeza  
Os homens não a dão; Põe-na por sua mão  
Naqueles que são seus,  
Nos que escolheu - só Deus.

Oh!, minha pobre terra, que saudades  
Daquele dia! Como se me aperta  
O coração no peito coas vaidades,  
Coas misérias que aí vejo andar alerta,  
À solta apregoando-se! Na intriga,  
Na traição, na calúnia é forte a liga,  
É fraca em tudo o mais...

Tu, sossegado  
Descansa no sepulcro; e cerra, cerra  
Bem os olhos, amigo venerado,  
Não vejas o que vai por nossa terra.  
Eu fecho os meus, para trazer mais viva  
Na memória a tua imagem  
E a dessa bela Inglesa que se esquiva  
De nós entre a folhagem  
Dos bosques de Parténope. Cansado,  
Fito nesta miragem  
Os olhos d'alma, enquanto que, arrastado,

Vai o tardio pé  
Por este que inda é,  
Que cedo não será, bem cedo - em mal!  
O velho Portugal.

## XVIII

### A um amigo

Fiel ao costume antigo,  
Trago ao meu jovem amigo  
Versos próprios deste dia.  
E que de os ver tão singelos,  
Tão simples como eu, não ria:  
Qualquer os fará mais belos,  
Ninguém tão d'alma os faria.

Que sobre a flor de seus anos  
Soprem tarde os desenganos;  
Que em torno os bafeje amor,  
Amor da esposa querida,  
Prolongando a doce vida  
Fruto que suceda à flor.

Recebe este voto, amigo,  
Que eu, fiel ao uso antigo,  
Quis trazer-te neste dia  
Em poucos versos singelos.  
Qualquer os fará mais belos,  
Ninguém tão d'alma os faria.

FIM